COMO SERÁ A RETOMADA?

ROGÉRIO MORI
Professor da Escola de Economia de São Paulo da Fundação Getulio Vargas (FGV-EESP)

VÁRIOS ESTADOS e municípios brasileiros já iniciaram um processo gradual de flexibilização das medidas de isolamento social. Esse processo tem se iniciado sem que se tenha plena certeza de que o pico de contágios do novo coronavírus tenha sido atingido e ficado para trás. Ao contrário disso, vários especialistas de saúde apontam que o ápice de contágios ocorrerá mais adiante.

Esse processo evidencia as pressões econômicas decorrentes da queda da atividade econômica e da renda por conta do isolamento social. De fato, os indicadores da economia brasileira apontaram uma forte retração do nível da atividade a partir de fins de março. O recuo acentuou-se a partir de abril, quando as medidas de isolamento foram implementadas de maneira mais efetiva no País.

De qualquer forma, a flexibilização das medidas de isolamento social tem um impacto positivo, em alguma medida, sobre a atividade econômica no curto prazo. Nesse sentido, a reabertura do comércio em várias cidades gera um efeito de descompressão sobre o ritmo das vendas, que caiu fortemente desde fins de março. Essa melhoria só deverá ser percebida, de fato, nos indicadores de atividade econômica relativos a julho deste ano. Esse processo, no entanto, deixa em aberto a questão acerca da velocidade relativa da retomada da atividade econômica brasileira. Em outras palavras, a pergunta é se a recuperação será rápida (em formato de V) ou lenta (em formato de U).

Nesse sentido, vale destacar que o uso de modelos estatísticos para tentar responder a essa questão não se mostra eficiente, uma vez que o evento da pandemia, sendo caracterizado como um evento exógeno, representa uma forte ruptura no comportamento das séries estatísticas, transgredindo os padrões bem definidos por elas. Isso significa que o uso de modelos que projetam variáveis econômicas fazendo algum uso de extrapolação de comportamentos estatísticos passados tem uma baixa eficiência preditiva neste momento.

Desta forma, talvez, mostre-se mais produtivo tentar compreender o padrão de retomada a partir da experiência vivenciada por outros países que estão mais adiantados nesse processo. Sob essa perspectiva, uma referência a ser observada é a China, uma vez que o processo de flexibilização das medidas restritivas se encontra mais adiantado nesse país. Isso é decorrência do fato de que a China foi o epicentro inicial da pandemia, tendo tido o pico dos contágios no começo do ano. Passados os efeitos mais agudos, o governo chinês começou a flexibilizar gradativamente as medidas de isolamento.

A partir do início desse processo, o que se observou foi uma forte recuperação da atividade em alguns setores da economia chinesa, em particular nos investimentos de infraestrutura e imobiliários. Isso tem dado suporte para a recuperação econômica na China, cujas projeções apontam para um crescimento de 2% neste ano e de 7% em 2021.

Ainda não é possível prever plenamente o grau de sustentabilidade da recuperação da economia chinesa, mas, até o momento, os sinais são de uma recuperação em formato de V.

Transpor o que está ocorrendo na China para a economia brasileira, no entanto, merece algumas reservas e ressalvas. Diferentemente da economia chinesa, que apontava para um crescimento de mais de 5% em 2020 antes dos efeitos da pandemia, o Brasil já apresentava um desempenho econômico bem mais modesto, cujas projeções indicavam um crescimento de pouco mais de 1% neste ano. Em outras palavras, as condições iniciais da economia brasileira eram bem piores do que as verificadas na China antes da pandemia.

Adicionalmente, é razoável supor que os agentes públicos e privados deverão sair desse evento mais endividados e em um contexto de renda mais baixa. Isso, evidentemente, limitará o potencial de uma retomada mais robusta da demanda no médio prazo.

A conjunção desses fatores indica que não deveremos verificar, na economia brasileira daqui a alguns meses, algo similar ao que está ocorrendo na China neste momento. Ainda que a flexibilização das medidas de isolamento leve a alguma retomada da atividade econômica, o potencial de uma recuperação mais robusta será fatalmente comprometido pelas próprias limitações da demanda. Por conta disso, é muito mais factível imaginar uma recuperação mais lenta e modesta da economia brasileira conforme as medidas de isolamento forem sendo flexibilizadas. ■